



A outra América (do Norte): Ives, Cage e os transcendentalistas¹

Makis Solomos (Universidade de Montpellier 3)

Tradução de Didier Guigue (UFPB)

Resumo: Charles Ives e John Cage, que podem ser considerados respectivamente como o avô e o pai da música experimental norte-americana, compartilham o mesmo gosto pelos filósofos transcendentalistas (Thoreau e Emerson), os quais foram fundadores de uma América do Norte pacifista, rousseuista, idealista, enfim, uma *outra* América (do Norte). Este trabalho toma como ponto de partida o primeiro texto teórico escrito por John Cage, onde o compositor discute as relações entre os Estados-Unidos e a América Latina, para estabelecer conexões entre seu pensamento musical e o movimento transcendentalista.

Palavras-chave: Cage. Ives. Transcendentalismo. América do Norte. América Latina.

The other América (the North): Ives, Cage and the transcendentalists.

Abstract: Charles Ives and John Cage, who may be considered respectively grandfather and father of the North-American experimental music, share the same appreciation for the transcendental philosophers (Thoreau and Emerson), founders of a pacifist North America, rousseuist, idealist, a different (North) América. Starting with the first theoretical text written by John Cage, in which he discusses the relations between the United-States and Latin America, the author establishes connections between his musical thought and transcendentalism.

Keywords: Cage. Ives. Transcendentalism. North América. Latin America.

Em 1927, aos 15 anos, John Cage redigiu seu primeiro texto extenso, escrito para um concurso de oratória que ele venceu. Esse texto, intitulado *Other People Think* (CAGE 1927)² coloca a questão das relações entre os Estados Unidos da América e os países da América Latina. Ele é pouco conhecido, razão pela qual tomo a liberdade de citar alguns trechos extensos. Apresento primeiramente alguns extratos do início:

Hoje em dia, os Estados-Unidos constituem uma potência mundial [...] Acreditamos [*It is the popular belief*] termos promovido relações amistosas com a América latina inteira. A nossa política externa almejou, em regra geral, a promoção do bem-estar dos povos do Sul. Sem a nossa intervenção no Equador, este país, por causa das suas condições insalubres, corria o risco de despejar seu veneno em todo o Novo Mundo. [...] Graças à potência militar do Tio Sam, a Venezuela foi protegida da Alemanha, Cuba da Espanha, o México da França; defendemos todos os países fracos contra a dominação européia. [...] Nossa intervenção na América Latina foi motivada por razões altruístas.³

¹ Este texto é produto de uma comunicação oral proferida na Jornada de Estudos “A identidade americana em sua música: de Aaron Copland a Steve Reich”, organizada pelo *Centre de Documentation de la Musique Contemporaine* (CDMC) e pelo *Festival de Ile-de-France*, e realizada em Paris, em setembro de 2007.

² N.D.T.: “Os outros pensam”. Levando em conta o contexto, o original inglês poderia também ser vertido para “Outros povos pensam”.

³ “Today the United States is a world power. [...] It is the popular belief that we have promoted friendly relations with all Latin America. Our Foreign Policy has, in general, aimed to promote the general welfare of the southern people. Without our intervention in Ecuador, that country, because of its unsanitary conditions, would be spilling its poison over the New World. [...] Because of Uncle Sam’s military power, Venezuela has been protected from Germany, Cuba from Spain, Mexico from France; we have defended all weak countries from European domination. [...] All in all, our intervention in Latin America has been actuated by altruistic motives.” N.D.T.: minhas traduções dos originais em inglês partem das traduções francesas do autor.

De repente, Cage pergunta : “Por que será, então, que existe um mal-entendido entre os Latinos e os Anglo-Saxões deste continente?”⁴

A esta pergunta, ele responde :

Existem dois aspectos para cada pergunta. Porque os outros [*other people*] pensam de outra forma. No que diz respeito à intervenção americana na América latina, numerosos são os que estão pensando de outra forma. [...] Este pensamento, que penetrou de maneira tão eficiente a vida intelectual das repúblicas latinas, foi influenciado pelas ações de alguns cidadãos dos Estados-Unidos. A maior parte deles é constituída de capitalistas que investiram, com zelo, dinheiro nas repúblicas do Sul e as exploram com avidez. Eles não têm nenhuma fé no progresso dos outros, eles apenas desejam seu próprio progresso material. Eles pertencem à família dos puros egoístas. [...] Aos olhos dos povos do Sul, esses homens são os Estados-Unidos. [...] Era para proteger “as vidas e a propriedade” de tais avaros [...] que os Marinhas dos Estados-Unidos entraram na Nicaragua há quinze anos. Eles ainda estão lá. Tendo tomado conta dos rumos políticos do país, eles cuidaram para que o Presidente seja um Conservador. O Amiral em cargo, no seu relatório para Washington, observou que apenas um quarto da população daquele país era conservador e que todas suas ações eram realizadas à revelia dos três-quartos dos Nicaraguaios. [...] Os outros povos começam a pensar que nenhum governo poderia existir na América central sem a autorização dos Estados-Unidos. [...] Numerosos foram os que temiam a nossa ingerência, no passado. Numerosos vão ser os que odiarão nossa intervenção no futuro. [...] O que iremos fazer? O que devemos fazer?⁵

Na última parte do texto, Cage vai tentar propor uma “solução”, a qual será ao mesmo tempo de ordem política, moral e artística, solução que, para todos os efeitos, sua música colocará em prática :

Uma das maiores benfeitorias que poderiam acontecer aos Estados-Unidos no futuro próximo seria ver suas usinas parar, suas atividades econômicas cessar, seu povo emudecer, um grande silêncio instalar-se no seu mundo dos negócios e, finalmente, assistir à paralização de tudo que funciona, até que todos ouçam a última roda girar e o último éco extinguir-se. [...] Seremos então capazes de responder à pergunta : “O que devemos fazer?”. Porque ficaremos silenciosos e mudos [*hushed and silent*] e teremos então a possibilidade de aprender que os outros [*other people*] pensam.⁶

⁴ “Why, then, is there any misunderstanding between the Latins and the Anglo-Saxons of this continent?”

⁵ “There are two sides to every question. For other people think otherwise. Concerning the question of American Intervention in Latin America, many people are thinking otherwise. [...] This thought, that has penetrated the intellectual life of the Latin Republics so effectively, has been influenced by the actions of certain citizens of the United States. The great majority of these are capitalists who have zealously invested money in the Southern Republics and eagerly exploited them. They have not the hope of progress of others, but only the desire for their own material advancement. They are of the family of the utterly selfish. [...] In the eyes of the Southern People, these men are the United States. [...] It was to protect the ‘Lives and Property’ of just such money-grasping men as those in Bolivia that the United States Marines entered Nicaragua fifteen years ago. They are still there. Having taken charge of the politics of that country, they have been careful to keep a Conservative in the Presidency. The Admiral in charge, reporting to Washington, noticed that only one-fourth of the country was Conservative, and that all of his actions were done against three-fourth of the Nicaraguans. [...] Other people began to think that no government could exist in Central America without the sanction of the United States. [...] Many have feared our interference in the past. Many will hate our intervention in the future. [...] . What are we going to do? What ought we to do?”

⁶ “One of the greatest blessings that the United States could receive in the near future would be to have her industries halted, her business discontinued, her people speechless, a great pause in her world of affairs created, and finally to have everything stopped that runs, until everyone should hear the last wheel go around and the last echo fade away... [...] Then we should be capable of answering the question, ‘What ought we to do?’ For we should be hushed and silent, and we should have the opportunity to learn that other people think.”



Encerro com isto as minhas citações deste texto, de uma ardente atualidade política, e que, para limitar-me ao âmbito do meu assunto, é fundador: Cage já está integralmente aí. Com efeito, teremos reconhecido o motivo do silêncio, silêncio que Cage definirá muito mais tarde (apoiado no budismo Zen) como sendo o conjunto dos sons não-intencionais. E como já apontei, no final do texto, estamos num contexto onde fica impossível dissociar política, moral e arte, indissociabilidade própria a John Cage, como mostra Carmen Pardo (PARDO, 2007).

Abordando Cage pelo viés das questões que acabamos de levantar, é possível inserí-lo numa *tradição*, ou seja, de não mais ver nele um provocador, um “inventor genial” (como dizia Schoenberg), ou um defensor da tabula rasa. Com efeito, existe uma tradição pela qual a arte, valor supremo, é uma questão de conduta moral e uma maneira de fazer política; ao inverso, nesta tradição, a política é questão de moral e de arte (no sentido forte do termo). Trata-se desta “outra América (do Norte)” que propõem os transcendentalistas, aqueles pensadores originais do século XIX.

Entre eles, gostaria de mencionar primeiro Henry D. Thoreau, pois é com ele que Cage mantém os vínculos mais estreitos. Nascido em 1817 e falecido em 1862, Thoreau talvez seja o mais radical dos transcendentalistas. Torna-se professor de escola pública, mas demite-se porque se recusa a fazer uso de castigos corporais. Em seguida, ele abre sua própria escola. Depois, ele passa uma longa temporada na casa de Ralph Waldo Emerson, onde trava conhecimento com os transcendentalistas. Aos vinte e oito anos, ele constrói sua cabana em Walden, onde passa a viver isolado. É preso por se recusar a pagar o imposto destinado a financiar a guerra que os Estados-Unidos travam contra o México.⁷

Quanto aos seus escritos, eles defendem o “enraizamento numa manifestação da natureza ainda preservada da intervenção humana” (GRANGER, 1994, p. 14) e ficam na “escuta da ‘linguagem’ das coisas naturais” (*Idem*). Eles se opõem à ética protestante do trabalho :

Este mundo é uma praça de negócios, escreve ele num pequeno texto intitulado “A vida sem princípios”. Quanta agitação incessante! Praticamente todas as noites sou acordado pelo arquejar das locomotivas. Isto interrompe meus sonhos. Não se respeita mais nada. Como seria maravilhoso ver, uma vez que seja, o gênero humano entregar-se ao ócio! Nada mais existe senão o trabalho, o trabalho e ainda o trabalho. Não é tarefa fácil comprar um caderno com páginas brancas para consignar seus pensamentos, pois que todos em geral vêm com colunas para listar dólares e centavos (*Ibid.*, p. 126).

No seu mais famoso texto, *Walden ou a vida nos bosques* (1854), o herói, refugiado em plena natureza, confunde a vida que ele leva com a arte, e defende a não-intervenção, como fará Cage quase um século mais tarde. No capítulo intitulado “Sons” (THOREAU, 1960, p. 79-90), ele escuta a mistura dos ruídos naturais com os da civilização industrial (o apito do trem) e escreve: “Eu nunca ouvi som algum sem amá-lo: o único problema com os sons é a música”.⁸

Cage fará freqüentes referências a Thoreau, tanto nos seus escritos quanto na sua música. Nesta, é o caso, por exemplo, da sua obra *Mureau* (1970), na qual ele utiliza frases do *Journal* de Thoreau (frases cujo enfoque é a música, daí o título : *Music+Thoreau*). Para completar essa discussão, sugiro ao leitor a audição desta peça para

⁷ Estes elementos biográficos provêm de GRANGER, 1994.

⁸ Esta sentença passará a ser o título de um pequeno texto de Cage (CAGE, 1994, p. 21).

voz e fita magnética, numa performance ao vivo de 1972, com a atuação do próprio Cage, performance durante a qual *Mureau* é superposta a *Rainforest II*, uma peça para *live electronics* de David Tudor.⁹

Entre os demais pensadores transcendentalistas, costuma-se citar geralmente Emerson (1803-1882), que já citei, Amos Bronson Alcott (1799-1888), Margaret Fuller (1810-1850) ou ainda o romancista Nathaniel Hawthorne (1804-1864). O movimento transcendentalista nasceu entre Boston e Concord, em Massachusetts, Nova-Inglaterra, por volta dos anos 1830. Entre outras idéias fortes, este movimento defende a autonomia do indivíduo, a superação do materialismo e a importância das comunidades autônomas. Para ilustrar, tão somente, a questão da autonomia, proponho dois fragmentos do texto “Confiança e autonomia” (1841) de Emerson :

Acreditar no próprio pensamento, acreditar que o que é verdade para você no fundo do seu coração também é verdade para todos os homens, eis onde reside o gênio. Expressa suas convicções latentes, e as mesmas se tornarão universais. (EMERSON, 1997, p. 29)

O que devo fazer, é o que interessa à minha pessoa, e não o que pensam as demais pessoas. Esta regra, tão difícil de seguir na vida prática quanto na vida intelectual, pode, da mesma forma, servir para diferenciar grandeza e pequenez. Ela é tanto mais difícil por sempre achar-se alguém que pensa conhecer o seu dever melhor do que você mesmo. No mundo, é fácil viver em conformidade com a opinião geral; quando se é só, é fácil se conformar à sua própria opinião; mas o grande homem é aquele que, no meio da multidão, guarda, com perfeita suavidade, a independência da solidão. (*Ibid.*, p. 33)

E agora, um terceiro e último trecho, o qual gostaria de comparar com uma famosa anedota contada por Cage. Primeiro, Emerson :

Eu lembro de uma resposta que, ainda bastante jovem, eu tinha sido levado a fazer a um eminente doador de conselhos, o qual nunca perdia uma ocasião de me importunar com as caras velhas doutrinas da Igreja. Como estava dizendo para ele que eu não tinha o que fazer do caráter sacro das tradições porque eu vivia uma vida totalmente interior, este meu amigo me sugeriu: “Mas esses impulsos interiores podem vir tanto do inferno quanto do céu”. Respondi: “Eles não me parecem vir do inferno, mas, se sou o filho do diabo, então hei de viver pelo diabo”. (*Ibid.*, p. 32)

E a anedota de Cage :

Quando Schoenberg me perguntou se eu pretendia consagrar a minha vida à música, eu disse: “Claro”. Após ter estudado com ele durante dois anos, Schoenberg me disse: “Para poder compor música, é necessário que você possua o sentido da harmonia”. Expliquei para ele que eu não possuía o sentido da harmonia. Ele então me disse que eu sempre iria encontrar algum obstáculo, que eu iria dar sem parar contra um muro que eu nunca conseguiria transpor. Eu disse: “Neste caso, dedicarei a minha vida a bater a cabeça contra o muro” (CAGE, 1961, p. 261).

O segundo músico que eu desejo evocar neste breve ensaio é Charles Ives. Nascido em 1874, isto é, trinta e oito anos antes de Cage, Ives é frequentemente considerado como o pai da música experimental americana. É durante os anos 1906-1916, quando culminam suas pesquisas (1906 é o ano de composição de duas de suas peças orquestrais mais tocadas: *The Unanswered Question* e *Central Park in the Dark*), que ele recebe forte influência dos transcendentalistas, os quais ele ensaia “traduzir” em música, tentando obter por meio dos sons, segundo seus próprios termos, “a contemplação da misteriosa criação da terra e do céu, o

⁹ CD David Tudor, *Rainforest II*, John Cage, *Mureau*. A simultaneous performance, New Words Records.



desabrochar de toda vida, tanto na natureza quanto na humanidade em direção ao divino” (citado em GAUTHIER, 1972, p. 48). E é também durante este período, mais precisamente entre 1911 e 1915, que ele compõe sua *Segunda Sonata* para piano, com o sub-título “Concord, Massachusetts, 1840-60”, em referência aos transcendentalistas, sonata a propósito da qual ele redige seus *Ensaaios anteriores a uma sonata* (IVES, 1986).

Esta segunda sonata constitui uma obra programática, e é composta de quatro movimentos: “Emerson”, “Hawthorne”, “The Alcotts”, “Thoreau”; isto é, o nome dos pensadores transcendentalistas já mencionados aqui. Quanto aos *Ensaaios anteriores a uma sonata*, eles são compostos de um prólogo e de um epílogo, os quais enquadram quatro partes que possuem o nome daqueles mesmos pensadores. Não se trata exatamente do programa da sonata, porque a relação com a música é difícil de se estabelecer de uma forma literal. Por outro lado, alguns comentadores apontaram para o caráter inacabado desses “ensaios”, sua “insistência em questões de moral extremamente datadas”, para citar os editores da tradução francesa (ALBERA & BARRAS, 1986, p. 5-9).¹⁰ Um dos pontos essenciais na relação entre esses ensaios e a obra musical em questão talvez resida na idéia de que a música, em geral, poderia expressar uma filosofia, uma ética, uma concepção da vida, que ela poderia, em outras palavras, convergir para o transcendentalismo (ou para dizer mais simplesmente: o “idealismo”) de um Emerson ou Thoreau. Transcrevemos a conclusão do “Prólogo” dos *Ensaaios anteriores a uma sonata*:

Quanto a nós, tendemos a acreditar que a música fica além de qualquer analogia com a linguagem das palavras e que virá o tempo — mas isto já não é para acontecer durante a nossa vida — onde ela desenvolverá possibilidades ainda inconcebíveis no momento presente — uma linguagem tão transcendente que seus ápices e suas profundezas serão compartilhados por toda a humanidade. (IVES, 1986, p. 15)

À maneira de conclusão, gostaria de sugerir que o leitor ouvisse o terceiro movimento da *Sonata*, movimento dedicado aos Alcotts, isto é, a Amos Bronson Alcott e à sua filha Louisa May Alcott. Nele, ouça-se um traço característico da música de Ives: uma elaboração extremada, realizada a partir de coisas inesperadas. No caso, o essencial do trabalho temático é em grande parte oriundo do motivo inicial da *Quinta Sinfonia* de Beethoven.

Referências bibliográficas

ALBÈRA, P., & BARRAS, V. Avant-propos. *Contrechamps* n. 7, p. 5-9, 1986.

CAGE, J. *Silence*. Middletown (Connecticut): Wesleyan University Press, 1961.

_____. Other People Think. In: KOSTALENETZ, R. (ed.). *John Cage. An Anthology*. New York: Da Capo Press, 1991, p. 45-48.

_____. *Je n’ai jamais écouté aucun son sans l’aimer : le seul problème avec les sons, c’est la musique*. Tradução francesa de D. Charles. S.l.: La main courante, 1994.

EMERSON, R. W. *Essais*. Tradução francesa de A. Wicke. Paris: Michel Houdiard, 1997.

GAUTHIER, A. *La musique américaine*. Paris: PUF – Que sais-je?, 1972.

¹⁰ Os mesmos acrescentam: “Será que era mesmo necessário traduzí-los na íntegra, ou se limitar ao Prólogo e Epílogo, mais diretamente vinculados às problemáticas musicais?” (*Idem*).

GRANGER, M. Présentation. In: THOREAU, H. D. **Désobéir**. Textos reunidos e apresentados por M. Granger, tradução francesa de S. Rochefort-Guillouet e A. Suberchicot. Paris: L'Herne, 1994.

IVES, C. Essais avant une sonate. Tradução francesa de C. Russi. **Contrechamps** n.7, 1986.

PARDO, C. **Approche de John Cage. L'écoute oblique**. Paris: L'Harmattan, Collection Musique-Philosophie, 2007.

THOREAU, H. D. **Walden or Life in the Woods**. New York: The New American Libray, 1960 (1854).

Makis Solomos é Professor da Universidade de Montpellier 3. Atuando no campo da Musicologia, desenvolve pesquisas em duas direções: 1. A música de Xenakis, das quais resultou o livro *Iannis Xenakis*, e 2. A música recente : problemáticas estéticas (de Adorno até as novas tecnologias, passando pela globalização) e musicias (de Wagner a John Zorn, passando por Webern, Varese, Boulez, Vaggione, a música espectral, as músicas eletrônicas populares, etc .). É autor de numerosos artigos e co-autor (com A. Soulez e H. Vaggione) de *Formel/Informel : musique-philosophie*. Atualmente, em colaboração com B. Gibson e S. Kanach, prepara uma edição crítica do conjunto dos escritos de Xenakis (em nove volumes).